

Adeus é para super-heróis

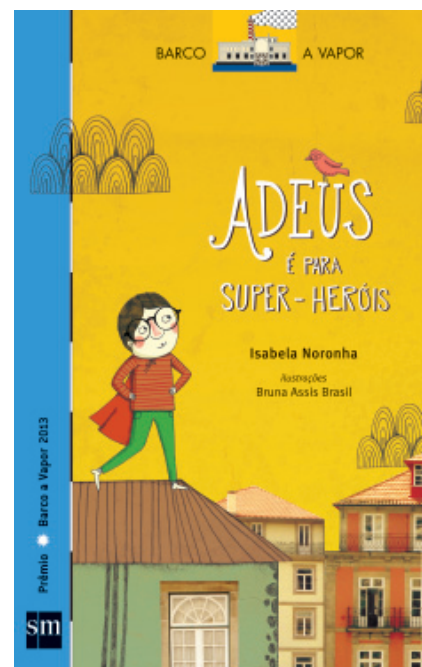
Isabela Noronha

Ilustrações Bruna Assis Brasil

Série azul nº 27

64 páginas

TEMAS Perdas / Separação / Autossuperação / Amizade



A **AUTORA** Isabela Noronha nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1980. É formada em jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais e trabalha para sites de literatura. Entre 2011 e 2012, fez um curso de especialização em Criação Literária na Brunel University, em Londres, onde recebeu o prêmio Curtis Brown, patrocinado pela Curtis Brown Literary and Talent Agency, uma das maiores agências literárias da Grã-Bretanha, por seu trabalho de fim de curso. *Adeus é para super-heróis* é seu primeiro livro de ficção publicado.

A **ILUSTRADORA** Bruna Assis Brasil nasceu em Curitiba, Paraná, em 1986. É formada em Ilustração e Técnicas de Comunicação Visual pela escola Eina (Barcelona, Espanha) e colabora com várias editoras ilustrando livros e revistas.

O **LIVRO** Tom é um menino solitário que vive com a avó após a partida do pai para os Estados Unidos. Um dia, recebe a notícia de que seu melhor amigo Lucas vai se mudar para outro país. Quando tenta dizer “adeus”, de sua boca só sai vento, e ele tem a impressão de que a palavra ficou entalada na garganta. Tenta cuspir o “adeus”, mas ele vai parar em seu estômago com um gosto amargo e frio como sorvete de fumaça preta. Ao longo da semana, o mesmo acontece com “barco”, “mola”, “castelo”, “piscina”... Tom tenta várias soluções para o problema, mas nada funciona. Desesperado com o fato e temendo ser vítima de gozações na escola, ele convive com o problema calado. Preocupada, a avó chama Lucas para ajudar o neto. Por baixo da porta do quarto onde se isolou, Tom passa um bilhete para o amigo com “barco” escrito, e assim descobre que, para saírem de seu estômago, as palavras têm de ser postas no papel. Cria então frases loucas formadas por todas as que havia engolido. Parece curado, mas uma pequena bolha no estômago ainda o incomoda: é a palavra “adeus”, sinal de que o caso não foi totalmente resolvido.

INTERPRETANDO O TEXTO

JANELAS DE APRENDIZAGEM

“Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor”, escreve Fernando Pessoa (1888-1935) em “Mar português”, poema de *Mensagem* (1934). Perdas e dores psíquicas estão presentes no dia a dia dos seres humanos desde a mais remota infância. Dores, no entanto, não têm apenas um aspecto negativo; podem ser — e são — uma janela para o fortalecimento na maneira de lidar com separações, ausências, distâncias. *Adeus é para super-heróis* é um livro que fala desse tema.

Narrado em terceira pessoa, porém do ponto de vista de um garoto solitário, conta a história de Tomás Tertúlio Timério Júnior, o Tom, que não conheceu a mãe (presume-se que tenha morrido), tem um pai ausente e está prestes a separar-se do melhor amigo. A narração começa em *flashback*: Tom precisa levantar-se para ir à escola, mas sente-se mal e passa a rememorar o momento em que a “dor” começara, no dia anterior, quando Lucas, seu companheiro de brincadeiras com *aliens* e super-heróis, conta que vai embora para o Chile com a família. A palavra “adeus” vem à boca de Tom, mas não sai; fica entalada e o deixa engasgado, com um nó na garganta. A dor da separação, o vazio que virá com a perda do amigo, desencadeia o processo de sofrimento.

A narração então volta ao momento presente: Tom vai à aula com dificuldade para lidar com a situação angustiante. A partir daí, nas brincadeiras com o amigo, engole a palavra “barco”, que traz junto um “gosto de madeira” (p. 20). Depois, nas aulas de História, Ciências e Português, vai engolindo muito mais: umas palavras bem pesadas, como “castelo”; algumas barulhentas, como “trem”; outras com gosto de ferrugem, como “moeda”.

UMA DOENÇA MISTERIOSA

À medida que engole palavras, Tom torna-se cada vez mais taciturno, isolando-se dos demais colegas. Revelam-se a insegurança, a timidez, a falta de autoconfiança, sentimentos próprios de uma criança que, em situação de sofrimento,



Mergulhando na temática

SOMATIZAÇÃO

Manifestação de conflitos, estresse ou angústias no corpo, sendo, portanto, uma resposta fisiológica a um sofrimento psicológico. As somatizações são, em geral, de difícil diagnóstico médico, dado que não há um distúrbio orgânico ou mecanismo fisiológico explícito que esclareça a origem ou presença dos sintomas.

É comum que crianças em idade escolar apresentem queixas psicossomáticas sob a forma de dores de cabeça, cólicas abdominais ou distúrbios alimentares transitórios (deixar de comer ou comer demais). No caso de Tom, a somatização o leva a engolir palavras, sendo “adeus”, significativamente, a que desencadeia o processo.

Para saber mais:

PARA O PROFESSOR

- BOMBANA, José A. “Somatização e conceitos limítrofes: delimitação de campos”.

Página do site da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) com informações condensadas sobre o assunto. Disponível em: <www2.unifesp.br/dpsiq/polbr/ppm/atu2_01.htm>. Acesso em: jan. 2015.

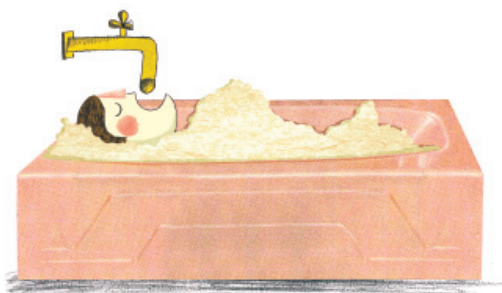
quer ou precisa de apoio e aceitação do grupo para sentir-se segura e querida. Suas angústias, num processo de **somatização**, refletem-se fisicamente no organismo, e ele não sabe como lidar com o problema. Tom tem certeza de que sofre de uma doença misteriosa e terrível.

A questão central da narrativa — a dificuldade da separação e a angústia dela decorrente, trazendo consigo a incomunicabilidade, o afastamento da convivência social e a fuga da realidade, tão comuns em processos de perda — é conduzir o pequeno leitor progressivamente à compreensão de que a dor pode transformar o ser humano, tornando-o melhor, e de que fugir dessa batalha tira-lhe a possibilidade de ser mais forte, mais apto a passar por outras tormentas.

Tom cria estratégias para se livrar das palavras no estômago, o que revela sua vontade de lutar, de enfrentar a situação. Primeiro: beber seis litros de refrigerante para que elas saiam com o gás da bebida; segundo: parar de comer; e finalmente: beber bastante água para que as palavras possam flutuar e sair pela boca. São tentativas frustradas, mecanismos físicos que não dão conta de seu sintoma psicológico, de seus sentimentos de perda e isolamento, mas que, inseridas na narrativa, acrescentam humor à trama e revelam um “herói” disposto à luta.

COMO ME VEJO

Garoto tímido, de poucos amigos, Tom mora com a avó. Inserido em uma estrutura familiar atípica, composta somente pelos dois, ressentido da falta da mãe, embora saiba que de longe ela o ama. A ausência do pai, há anos, tirou-lhe a segurança da figura paterna — o que, nesse momento de sofrimento, aumenta o vazio de sua vida. Quando o problema se agrava, o garoto fecha-se em si mesmo, temendo o *bullying* dos colegas. Esconde seu mal-estar de todos, pois não quer ser visto como “esquisito”, ou seja, fora do padrão do grupo; receia que sua reputação na escola acabe e se fecha na incomunicabilidade. Isolado em seu quarto, sem querer falar com ninguém, nem com a avó, é na imagem e



* Os destaques remetem ao item *Mergulhando na temática*.

AUTOCONCEITO

Entende-se por autoconceito a imagem que uma pessoa tem de si mesma, ou de que forma ela se vê inserida em seu grupo familiar e social. Tem o mesmo sentido de autopercepção ou autoimagem, correspondendo às indagações “Quem sou eu?” e “De onde eu vim?”. No campo da psicologia, é consenso entre os especialistas que as variáveis afetivas na vida de uma criança marcam seus relacionamentos sociais bem como seu desempenho escolar, colaborando na construção de seu autoconceito, baseada na interação com família, amigos e professores. Dessa forma, situações e experiências vivenciadas por ela, em interação com o outro, atuam na percepção que vai criando de si mesma. É papel da família e da escola proporcionar à criança situações de vida e aprendizagem que lhe possibilitem construir um autoconceito positivo, tornando-a apta a trabalhar as próprias dificuldades. A leitura e o trabalho com *Adeus é para super-heróis* podem ajudar nesse sentido.

Para saber mais:

PARA O PROFESSOR

- MEC. Portal do Professor. “Construção da autoimagem”.

Plano de aula para Educação Infantil, com atividades que visam à construção de um autoconceito positivo: descrever a si mesmo, pensar em si, falar sobre o que gosta de fazer, de comer etc. Disponível em: <portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18429>.

Acesso em: jan. 2015.

- OLIVEIRA, Ivone Martins. *Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

Aborda como o autoconceito é constituído pela alteridade, ou seja, pela interação com o outro (familiares, amigos e sociedade em geral), e de que forma a construção de identidade pode resvalar no preconceito.

lembrança do pai que se concentra, imaginando que este poderia ajudá-lo a reverter a situação. Tom cresce como pode, com o **autoconceito** um tanto esgarçado.

O menino e a avó têm personalidades simpáticas e são literariamente coerentes. Ele, apesar de seus problemas, tem um olhar bem-humorado sobre si mesmo; ela, o perfil das “avós de histórias em quadrinhos”: faz comidas gostosas, ajuda-o no dia a dia, vai buscá-lo na escola, dá-lhe “remedinhos” antigos (chás de ervas e óleos medicinais) e o apoia como pode, dada a diferença de gerações. Todavia, a relação afetiva deles não é suficiente para que o garoto vença as barreiras da insegurança e dor e lhe confesse suas dificuldades. Diante dos sintomas físicos sem causa orgânica, a avó pensa que ele quer apenas “matar aula”, sem imaginar que por trás desse comportamento está um conflito emocional.



PARA O ALUNO

• BUITRAGO, Jairo. *A caminho de casa*. São Paulo: Edições SM, 2012.

Garota pequena tem de lidar com a falta de dinheiro, a ausência do pai e os afazeres domésticos, enquanto a mãe trabalha fora. Com a ajuda de um leão, ela ganha coragem e determinação para enfrentar as dificuldades.

• TAN, Shaun. *A árvore vermelha*. São Paulo: Edições SM, 2009.

Menina desperta em um dia sem promessas. Entre imagens oníricas de uma cidade sombria e de seu quarto, ela testemunha o milagre da vida: a transformação de um pequeno broto em uma bela árvore vermelha.

NARRATIVA E NARRAÇÃO

Em *Adeus é para super-heróis* há uma forma de narrar que foge, em diversos momentos, ao padrão tradicional. Para analisar essa particularidade, é interessante recorrer a conceitos elaborados pela narratologia, teoria que tem como objetivo estudar a forma e o funcionamento de narrativas em geral (não só a literária, mas a do cinema, por exemplo).

Para os narratologistas, narração e narrativa são conceitos diferentes. A narrativa é o texto ficcional produzido por um narrador em que se entrelaçam dois planos: o da *história* que se conta e o do *discurso* (correspondente à *narração*), entendido como o ato ou processo de relatar fatos e acontecimentos. A narração, portanto, não é o conteúdo da história, e sim o *modo* de narrá-lo.

No livro em questão, um conjunto de estratégias discursivas é usado pela autora para instaurar esse novo modo de narrar. A mais comum, empregada por autores ao longo do tempo, é a do *flashback* (narração de fatos anteriores ao presente, importantes na elucidação do conflito ou do enredo). Outra, mais inovadora e lúdica, é a organização e formatação de texto, ou seja, a maneira como é feita a narração de determinados eventos no livro. Em vez de manter o discurso tradicional, recorrendo às vezes ao discurso indireto (por exemplo, usando os verbos de elocução para relatar o que o

SUBTEXTO, A DIMENSÃO QUE REVELA

O subtexto de uma **narrativa** é o que está nas entrelinhas, subjacente no texto, filme ou canção, frequentemente camuflado na **narração** por metáforas, sentidos implícitos ou pressupostos lançados pelo narrador, do qual só tomamos consciência se nos detivermos nas inferências que ele propicia.

Adeus é para super-heróis é um texto ágil e de ritmo bem-humorado que prende a atenção do leitor e, por isso mesmo, pode desviá-lo do subtexto. Estruturado em um jogo coeso de metáforas, em que forma e conteúdo se entrelaçam, tem como “subnarrativa” a abordagem leve e sensível da angústia da perda. O enredo gira em torno de como Tom luta valentemente para assimilar as perdas afetivas (passadas e futura) e administrar a angústia delas decorrentes. A “engolição” de palavras, resposta física para a dor somatizada, é a primeira metáfora empregada pela autora para indicar ao pequeno leitor possíveis maneiras de questões emocionais e dificuldades psicológicas se expressarem.

Relevante para o significado metafórico da história — e uma das chaves para entender a “engolição” — é o fato de que, para tentar ajudar o neto, a avó permite a ele ver TV enquanto almoça. Essa é a segunda vez na vida de Tom que ela fez isso; a primeira foi quando o pai partiu para o exterior. Assim, fica clara a extensão de quanto as relações familiares e sociais concorrem para o autoconceito de um indivíduo. As escolhas linguísticas, as imagens e os recursos de linguagem empregados dão forma e contorno a esse conteúdo.



menino pensou, resolveu, fez etc.), surgem diretamente os planos de Tom em forma de tabela numerada (pp. 32-4), como se ele os tivesse escrito, conferindo leveza e dinamismo à página. Trata-se de um recurso inserido na narração que também ocorre no início da história, quando o personagem enumera os motivos para não ir à escola (p. 7). Além dessas estratégias, pode-se destacar ainda a ruptura do desfecho tradicional de histórias infantis, quando o narrador brinca com uma frase antológica: “E viveram felizes para semp... Epa! Ainda não” (p. 53).

Para saber mais:

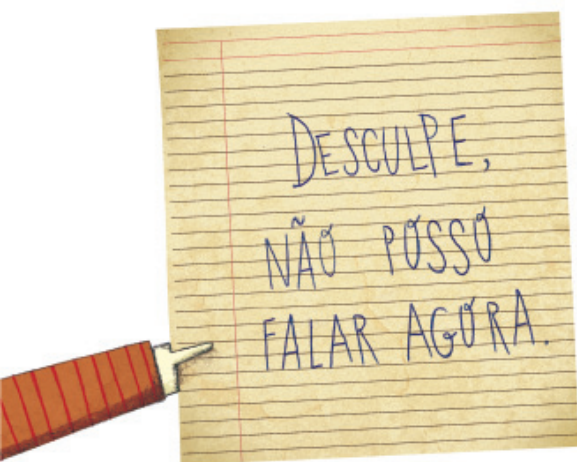
PARA O PROFESSOR

- CEIA, Carlos (Org.). *E-dicionário de termos literários*.

Conceitos terminológicos necessários ao estudo e à análise de obras literárias. Disponível em: <www.edtl.com.pt>. Acesso em: jan. 2015.

- Significados.com.br

Site com os significados de palavras agrupadas por temas. Disponível em: <www.significados.com.br>. Acesso em: jan. 2015.



Nas palavras e comparações que cria, a autora faz amplo uso da sinestesia, figura de linguagem e um tipo de metáfora que consiste em transferir percepções provocadas por um sentido para outro, sendo caracterizada pela mistura de sensações em resposta ao estímulo simultâneo de mais de um sentido, como a visão e a audição, o paladar e o olfato. Por exemplo, ao dizer que moeda tem “gosto de ferrugem” (p. 23), o personagem responde a dois estímulos, associando a imagem (metal) ao paladar (gosto de ferrugem).

De qualquer forma, Tom não tem nenhum controle sobre o fenômeno; sente que sua barriga cresce, que está inchado e vai explodir. Mais uma metáfora: quando a dor nos assalta, com seu gosto amargo, é difícil controlar e superar o sofrimento; a sensação é de que se vai realmente “explodir”. Nesse sentido, fazendo da narrativa uma grande metáfora, a autora constrói habilmente uma trama cheia de alusões, sentidos implícitos e subtendidos que permitem mais de uma leitura, revelando a dor pungente de uma criança que acredita ser a solidão seu destino inevitável.

O PODER DA PALAVRA

“Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa”, escreveu Cecília Meireles (1901-64) em *Romanceiro da Inconfidência* (1953). Fechado no quarto, Tom quer fugir da realidade. Recusa-se a conversar com a avó e a ver qualquer pessoa. Para ele, a solução é sumir, nunca mais falar, “apagar” as palavras da vida, talvez viver no mundo dos sonhos onde tudo é perfeito. Mas Lucas chega. Questionado pelo amigo, Tom escreve num papel, passado por debaixo da porta, que está engolindo palavras. Os dois trocam vários bilhetes, pois Lucas não consegue compreender a situação, até que Tom, exasperado com o vaivém, grita: “Não consigo mais falar barco!” (p. 49). Num misto de espanto, incredulidade e alegria, ele percebe que articulou normalmente a palavra, encontrando a solução do problema: para sair do estômago, as palavras engolidas têm de ser grafadas. Para lidar com a despedida, a perda, o adeus, a dor enfim, é preciso encará-los. Para dizer adeus é preciso ser super-herói, eis a derradeira metáfora deste livro. Tom passa então a criar frases cheias de nonsense com as palavras engolidas.



Retomada a comunicação, Tom vivencia o momento mágico da interação social. No final das contas, é o amigo querido que o “salva” com seu apoio, sua presença, sua solidariedade. Tudo parece resolvido. Mas não é bem assim: lá no fundo do estômago (metáfora do coração ou da alma), uma palavra continua engasgada. Tom sabe qual é e decide “arrancá-la”, ainda que doa muito. Incorpora “adeus” em outra frase nonsense e compreende que, ao lado das palavras que causam dor, há as que trazem alegria, como “amizade” e “amor”, e que podem inclusive se “esticar”, chegando até à Galáxia V. Até mesmo ao Chile. Ou aos Estados Unidos.

Eis a grande mensagem que a história de Tomás Tertúlio Timério Júnior traz para os pequenos leitores de forma singela, doce e lúdica. Quando a percepção de Tom muda, deflagra o processo de aprendizagem transformadora que reside em toda situação de dor. Se, por um lado, lidar com a separação, a perda, a saudade e a distância é para super-heróis, porque envolve luta e superação, por outro lado, é também por meio da dor que se aprende a viver.

CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

- 1 Peça aos alunos que leiam o título e observem a imagem da capa. Verifique suas experiências prévias, encaminhando a reflexão por meio de perguntas como:
 - a. O que é dizer adeus e em que situações o fazemos?
 - b. Por que “adeus” é para super-heróis?
 - c. O que é um super-herói? Será que esse menino é um super-herói?
 - d. Quem já disse “adeus” na vida? Para quem e por quê?

- 2 Explore as imagens das páginas 14 e 17, que ilustram o texto e são, por si sós, cheias de informação. Se possível reproduza-as no retroprojetor ou mostre-as no próprio livro. Para a imagem da p. 14, levante as seguintes perguntas:
 - a. Onde está o garoto?
 - b. O que parece ter acontecido com ele?
 - c. Como ele deve estar se sentindo?

Já para a imagem da p. 17, indague:

- d. Onde está o garoto agora?
 - e. O que está acontecendo com ele?

- 3 Pergunte que tipo de história os alunos imaginam encontrar no livro. Aceite suas hipóteses, desde que autorizadas pelo título e pelas imagens. Não se preocupe se fugirem ao tema.

DURANTE A LEITURA

- 1 Pausas na leitura são úteis para proporcionar a troca de impressões e reflexões sobre o que já foi lido. A narrativa tem vários momentos oportunos para isso. Seguem algumas sugestões:





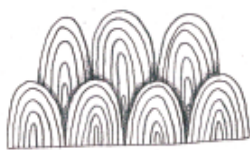
- a. Faça uma leitura coletiva em voz alta da p. 39 até a p. 49, quando a história se encaminha para o clímax. Explore então o recurso empregado nessa última: o garoto lista três fatos para analisar o que está acontecendo, em um processo de observação e dedução interessante. Inicie uma discussão coletiva: a que conclusão ele pode chegar? Na p. 50 está a resposta.
- b. A leitura coletiva também pode ser feita da p. 53 até a p. 56. Quando aparecer a frase “E viveram felizes para semp... Epa!”, converse com os alunos sobre essa atitude do narrador, que se dirige diretamente ao leitor, quebrando a expectativa do final típico dos contos infantis, chamando a atenção para como a autora mudou a forma de narrar, organizando essa história de modo diferente. Inicie a discussão para perguntar aos alunos que palavra é essa que ainda está “entalada na garganta” de Tom.

- 2 Durante a leitura, chame a atenção da turma para as imagens sinestésicas relacionadas às palavras que o protagonista vai engolindo (“moeda”, “castelo”, “trem” etc.). Pergunte aos alunos se já pensaram no gosto, cheiro ou peso das palavras e levantem exemplos. Encaminhe a discussão para a questão da diferença entre significado e significante, ou seja, como a palavra (o significante) que dá nome ao objeto (significado) passa a adquirir, em linguagem figurada, algumas das características inerentes daquilo a que se refere.

DEPOIS DA LEITURA

1 O “gosto” das palavras

Despertado o interesse dos alunos quanto às sensações sinestésicas, peça que levantem todas as palavras engolidas por Tom e a indicação do gosto de cada uma delas, se mencionado. Em seguida, em duplas, sugira que façam tabelas com palavras à sua escolha (substantivos), indicando o “gosto” que, em sua opinião, elas têm, incluindo desenhos. A atividade é lúdica e, ao mesmo tempo, estimula a criatividade. Se o professor quiser, poderá pedir depois que criem, no caderno, frases com essas palavras,



empregando a comparação (com a conjunção “como”) ou a metáfora (com o verbo “ser”), ou simplesmente utilizando-as em frases.

2 Super-heróis

Um super-herói é um personagem fictício, possuidor de qualidades máximas e capaz de proezas físicas notáveis em favor do interesse público. Há várias referências aos super-heróis na narrativa — o próprio Tom é um super-herói que consegue lidar com as perdas afetivas e, de algum modo, superá-las. Diante disso, proponha a elaboração de um painel de super-heróis conhecidos. Divida a classe em grupos para escolhê-los e identificar o traço marcante de cada um deles. Em seguida, proponha que confeccionem cartazes colando figuras ou desenhos de cada super-herói, incluindo Tom.

3 O nonsense na literatura

O nonsense é um enunciado desprovido de significação, coerência ou organização formal, embora, às vezes, possa apresentar um sentido interno. Na literatura, caracteriza-se pela ruptura da ordem lógica da frase ou do texto, da quebra de expectativas. Pode também aparecer em palavras inventadas com efeitos lúdicos, em jogos sonoros e inversões inusitadas. As frases loucas que Tom cria para “desengolir” as palavras são típicas do nonsense.

Escreva algumas dessas frases na lousa perguntando aos alunos por que são incoerentes e, ao mesmo tempo, têm sentido no contexto da narrativa (uma vez que são a estratégia para a “desengolição”). Após essa atividade, indique a leitura de *Adeus, ponta do meu nariz!* (Hedra, 2003), de Edward Lear, de *Limeriques estapafúrdios* (Editora 34, 2014) e *Limeriques de um bípede apaixonado* (Editora 34, 2014), ambos de Tatiana Belinky. Os três trazem limeriques, divertidas composições poéticas que exploram o nonsense.

ELABORAÇÃO DO GUIA Laiz Barbosa de Carvalho (professora de Português e autora de livros infantis e didáticos); EDIÇÃO Graziela R. S. Costa Pinto e Lígia Azevedo; REVISÃO Carla Mello Moreira.